

TCC/UNICAMP
C837e
2438 FEF/991

ISELA MARIA AUXILIADORA FERREIRA MACHADO COUTO -

ESTUDO DE CASO: UMA CRIANÇA INADAPTADA NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

- 1 9 9 2 -

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Biblioteca - F. E. F.



ESTUDO DE CASO: UMA CRIANÇA INADAPTADA NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho apresentado como exigência parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Física Escolar, na Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Silvana Venâncio Freire.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

- A G R A D E C I M E N T O S -

À minha *mãe* e *avó* pelo carinho e dedicação, sempre me apoiaram para que eu pudesse estudar.

Ao meu *marido* pela compreensão, apoio, atenção e suas contribuições ao trabalho. Obrigada pela busca de uma vida melhor.

Ao meu *amigo Márcio* pela constante atenção e dedicação, meu eterno respeito e carinho. .

À *Renata* pela sua amizade e dedicação.

Aos meus *alunos* que sempre me levaram a buscar algo mais.

Ao *Professor Ademir de Marco* pelo estímulo e dedicação.

À minha *orientadora, Professora Silvana Venâncio Freire*, que soube compreender minhas ansiedades e limites, obrigada pela sua amizade e carinho.

"Se quisermos compreender o ser humano em toda a sua complexidade, devemos voltar-nos ao método mais antigo: o conhecimento de si mesmo como meio de conhecer o outro. Por esta razão, qualquer lacuna no autoconhecimento estabelece graves limitações às possibilidades de conhecer os outros."

Bruno Bettelheim,
La fortezza vuota (A fortaleza vazia)

- S U M Á R I O -

	Págs.
INTRODUÇÃO.....	05
I - A BUSCA DE UMA METODOLOGIA.....	08
II - ESTUDO DE CASO.....	10
III - A DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	16
1. AS AULAS.....	16
2. COMPORTAMENTOS LEVANTADOS A PARTIR DAS AU LAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	21
3. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	22
IV - A ANÁLISE SISTEMÁTICA E A ELABORAÇÃO DO REL <u>A</u> TÓRIO.....	35
V - CONCLUSÃO.....	49
VI - BIBLIOGRAFIA.....	52

- I N T R O D U Ç Ã O -

Como educadora entendo que um dos objetivos da escola é "a formação integral do educando para que este desenvolva funções e integre-se de maneira ativa e criadora na sociedade em que vive".⁽¹⁾ Ela deve oferecer condições para que este desenvolva e aprimore os domínios cognitivo, psicomotor e afetivo.

Muito embora este objetivo esteja explicitado em quase todas as propostas curriculares, independentemente da opção teórica escolhida, vemos que na prática é comum surgir lacunas na formação do aluno. Muitas delas voltam-se mais para o desenvolvimento cognitivo e acabam por reduzir a cognição em memorização relegando assim os aspectos afetivos e psicomotor.

O corpo e a mente não podem ser educados em etapas diferentes. As atividades psicomotoras desenvolvidas pela criança, além de exercer papel fundamental no seu desenvolvimento somático e funcional, estimula e desenvolve as suas funções psíquicas.⁽²⁾

(1). Hudson Ventura TEIXEIRA e Mário Carvalho PINI, *Biblioteca de Educação Física*, p.15.

(2). *Ibid*, p.15.

A escola deveria ser o local onde as crianças pudessem aprender através da educação com ludicidade, movimento, diálogo e criatividade. (3)

Mas para conseguirmos isso, devemos começar a nos preocupar mais com o aluno, que não é aquele que apenas recebe o saber. O aluno deveria poder escolher junto com o professor o conteúdo a ser trabalhado, dessa forma esses poderiam ser selecionados e analisados pelo professor e pelo aluno tendo como objetivo formar um indivíduo crítico. (4)

É necessário também, que o professor através da coerência, ofereça aos alunos segurança e confiança o que certamente inspira amor, na forma de dedicação, carinho e competência, pois assim o aluno sentirá que pode contar com um amigo que é o professor. Professor este que tem o seu trabalho baseado na liberdade, mas que sabe colocar limites, esta à disposição do aluno e não é apenas cumpridor de suas funções.

O conhecimento se constrói como conquista, assim o professor deve oferecer aos alunos o caminho de descobrir por si só, estimulando a iniciativa, a autonomia e o exercício do raciocínio. O aluno deve ter coragem de enfrentar o desconhecido, pois só assim terá na busca do saber um constante prazer e não terá medo.

Na área específica da Educação Física, questões como as

(3). Wagner Wey MOREIRA, *Educação e Desordem um Binômio a ser Alcançado*, texto mimeografado.

(4). Maria Amélia Arantes Savasini NAUFAL, *Amando e Transformando*, p.7-8.

anteriores levantadas não fogem do contexto geral da Escola. O aluno continua dicotomizado. Nas nossas aulas muitas vezes é mais valorizado a performance do que a realização individual.

Poucos são os professores que conseguem perceber a totalidade do aluno. Acredito que hoje já estamos dando passos largos neste sentido, porém existe uma área do ser humano que nós professores não sabemos lidar. Esta área é o afetivo.

É importante que o professor observe e compreenda os comportamentos e dificuldades das crianças e não apenas elimine os erros ou problemas. Ele deve buscar as causas das dificuldades das crianças. Quando ele compreende a criança consegue descobrir o que se passa no campo educativo, campo que inclui a criança e ele próprio.

O professor de Educação Física que busca a formação integral do aluno deve ajudá-lo a conhecer-se, dominar-se, a relacionar-se com os outros e com o mundo, e buscar deste modo a sua autonomia pessoal, reforçando o processo de educação geral por meio das atividades físicas. Assim nas aulas de Educação Física, todos devem ter uma oportunidade igual.

No meu estudo, levantarei os comportamentos apresentados por um aluno, usando a metodologia - Estudo de Caso, e a luz desta sistematização, tentarei analisar os dados obtidos a partir de algumas referências teóricas.

Pretendo com minha pesquisa, obter informações e conhecimentos que possam ajudar-me no trabalho com outros alunos.

- C A P Í T U L O I -

A BUSCA DE UMA METODOLOGIA

O meu interesse pela pesquisa qualitativa é mais especificamente pela modalidade: Estudo de Caso, é porque nem sempre o fenômeno humano é possível objetivar, generalizar informações sem antes aprofundarmos em casos particulares.

Não podemos "reduzir" os fenômenos humanos, e principalmente os que acontecem no processo de educação do indivíduo, a uma única ótica da ciência positivista. É preciso alargar nossas observações, buscando novas perspectivas do fenômeno.

O Estudo de Caso é o estudo de um caso. O caso é sempre bem delimitado devendo ter seus contornos definidos no desenrolar do estudo.

O Estudo de Caso reúne informações numerosas e detalhadas. Assim utiliza de técnicas de coleta de informações muito variadas (observações, entrevistas, documentos) e frequentemente refinadas: observação participante, sociometria aplicada à

organização, pesquisa do tipo etnográfico.

Nisbet e Watt⁽⁵⁾ caracterizam o desenvolvimento do Estudo de Caso em três fases:

1ª Fase - *A Fase Exploratória*: É a fase em que é definido o objeto de estudo. É o momento de especificar as questões ou pontos críticos, de localizar os informantes e as fontes de dados necessárias para o estudo.

2ª Fase - *A Delimitação do Estudo*: É a fase em que o pesquisador inicia a coleta de informações de acordo com o objeto de estudo. É importante ressaltar que é necessário estabelecer os contornos do estudo, pois não é possível explorar todos os ângulos do fenômeno num tempo limitado.

3ª Fase - *A Análise Sistemática e a Elaboração do Relatório*: É a fase do estudo em que surge a necessidade de juntar a informação e analisá-la segundo um marco teórico.

(5). Nisbet e Watt *apud*, Menga LUDKE e Marli E.D.A. ANDRÉ, *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*, p.21.

- C A P Í T U L O I I -

ESTUDO DE CASO

Optei por esta metodologia de pesquisa porque esta apresenta uma sistematização que atende as exigências do caso.

1ª Fase - *A Fase Exploratória*

a. Justificativa da escolha do caso

Dos vários casos existentes na escola, escolhi o caso de um aluno que não se adapta as aulas de Educação Física. Trabalho há 3 anos com este aluno e durante este tempo percebi que os comportamentos apresentados não foram superados e persistem.

Os comportamentos apresentados pelo aluno interferem no seu desempenho e participação nas aulas de Educação Física. Com relação as disciplinas que o aluno frequenta na 3ª série estes (os comportamentos) só interferem a nível de participação, pois o aluno apresenta um bom desempenho nas outras aulas.

Como professora de Educação Física, gostaria de estudar e procurar entender melhor o porque destes comportamentos; bem como proporcionar atividades práticas que o ajudem a superar suas dificuldades.

b. Apresentação do Caso

Identificação:

Sujeito de Estudo: A.C.P.

Idade: 9 anos

Sexo: masculino

Naturalidade: natural do interior do Paraná

Escolaridade: 3ª série

Queixa Básica: apresenta dificuldade afetiva, e adaptação e socialização nas aulas de Educação Física.

- Aspectos Evolutivos:

É o primeiro filho do casal. Nasceu com deficiência congênita desenvolvendo hiper-nasalidade. Esse defeito pode apresentar-se como lábio leporino unilateral, lábio leporino bilateral, fendidura palatina, fendifura facial unilateral, lábio leporino mediano, fendidura facial unilateral ou lábio leporino bilateral. Esses são possíveis de correção cirúrgica. A fendidura palatina provoca defeitos de fonação e necessita de correção cirúrgica e odontológica combinadas.

O menino submeteu-se a 3 cirurgias para correção aos 3 anos, 3 anos e 6 meses e aos 5 anos. Havendo correção do defeito do palato, mas com manutenção da hiper-nasalidade.

Quando A.C.P. tinha 3 anos, nasce o irmão e faz a primeira cirurgia.

Aos 4 anos, em consequência das cirurgias iniciou Ludoterapia, duas vezes por semana e aos 7 anos teve alta. Nesta época, também fazia terapia fonoaudiológica quatro vezes por semana.

Seus pais trabalham fora, pela manhã fica na escola e a tarde fica com uma babá de 45 anos.

A família mora num condomínio e o menino só tem amizade e brinca com um outro menino, o qual tem a mesma idade, está na mesma série e escola que ele. O amigo não aceita perder nos jogos ou brincadeiras.

A.C.P. tinha outros amigos, mas brigou com estes, houve interferência do pai, o qual proibiu os meninos e o seu filho de brincarem juntos.

No clube e nas festinhas ele procura sempre estar com os pais e o irmão, não procurando assim outras crianças para brincar.

Nas tarefas de casa o menino quer sempre acertar e fazer as atividades com o máximo de perfeição. Quando ele erra se põe a chorar, então neste momento um dos pais o auxilia nas tarefas.

O menino em casa não comenta quase nada o que acontece na escola, porém comentou com os pais que gosta de jogar volei. Atividade esta que ele só participa na escola. Esta atividade co

meçou a ser desenvolvida a pouco tempo na escola, em consequência os alunos ainda estão criando as regras e dessa forma ainda não conseguem desenvolver os fundamentos da atividade e estão jogando conforme as regras propostas e de acordo com as habilidades motoras próprias da idade.

- Observação da Escola:

Jardim II

Chora muito por pouca coisa. Exemplo: quando cai o estojo no chão, alguma criança encosta nele.

Manifesta comportamento de insegurança.

Pré

O aluno é bem quieto na classe.

1ª Série

É uma criança individualista, mesmo no grupo percebe-se que procura isolar-se.

2ª Série

Sem registro.

3ª Série (Observação da professora de Educação Física)

Frente a novas situações apresenta atitude de insegurança e fecha-se em si mesmo.

Não se relaciona com as outras crianças, apresenta dificuldade de socialização com o grupo. Os únicos "amigos" são dois meninos que também tem problemas: um é obeso e o outro brigou com o líder da classe.

Todas as vezes que perde um jogo começa a chorar, se isola, se afasta da atividade e fica reclamando sozinho.

Mediante a qualquer frustração se joga no chão.

Quando perguntado sobre o motivo da saída do jogo e do choro A.C. sempre vem com uma resposta desconecta da realidade. Exemplo: Por que você saiu do jogo? O meu passarinho morreu, por isso saí do jogo e estou chorando.

Em aula ele reclama muito, mas não toma nenhuma postura para ser ouvido.

Na hora que as crianças se dividem para formar grupos, o aluno nunca aceita ficar em nenhum dos grupos.

Na hora do recreio não brinca, fica andando pelo pátio.

Executa bem e com interesse as atividades individuais.

O grupo o rejeita, porque é muito chorão.

- Dados da Área Motora

Não apresenta dificuldade no aspecto motor. É bem coordenado.

- Dados da Área Cognitiva

Não apresenta dificuldade na assimilação dos conteúdos. Organizado, caprichoso e responsável.

- C A P Í T U L O I I I -

2ª FASE - A DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Nesta fase descreverei as aulas de Educação Física e os comportamentos apresentados pelo aluno. Estas aulas passarão pe la supervisão da minha orientadora. Na supervisão também discutirei quais as atividades que poderei tomar frente os comportamentos apresentados pelo aluno.

Proporcionarei situações práticas tendo em vista que o aluno supere suas dificuldades.

1. AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dia 16.06 - Terça-feira

As atividades desenvolvidas foram Nunca 3 e Pega-Corrente.

Atividade: Nunca 3

Estrutura do jogo: Os alunos formam duplas, e de mãos

dadas, dispersam-se pelo campo delimitado. Um jogador ficará sem par e será o pegador.

Desenvolvimento: O pegador sai em perseguição dos pares com o objetivo de segurar um jogador que passará a ser o seu par, enquanto as outras duplas, sempre de mãos dadas, procurarão fugir.

Regra do jogo: Quando o pegador conseguir o seu objetivo, o jogador que pertencia a dupla, mas não foi tocado passará a ser o pegador.

Final do jogo: O jogo acabará após um tempo determinado pelo professor.

Observação da Professora: Nesta atividade o aluno (A.C.) demorou muito para formar a dupla, pois não encontrava nenhum colega entre os meninos. Quando conseguiu formar a dupla, havia escolhido o menino que no momento está sendo rejeitado pelos outros, pois brigou com o líder da classe.

Por diversas vezes durante o jogo A.C. caía no chão sem motivo (até parecia que era uma maneira de não ser tocado pelo pegador ou uma forma de chamar atenção e não deixar o jogo acontecer) o menino que formava dupla com ele puxava-o com o intuito de continuar correndo e participando do jogo, então A.C. levantava com muita má vontade. Repetiu esse comportamento até o fim do jogo.

É interessante ressaltar que A.C. escolhia para cair na diagonal e no ponto mais extremo do local onde a professora estava.

Comportamento da Professora perante a atitude do aluno:
A Professora não interferiu, só observou.

Atividade: Pega-Corrente

Estrutura do jogo: As crianças espalham-se pelo campo.

Um jogador corre em perseguição de um companheiro qualquer entre os alunos que deverão estar correndo.

Desenvolvimento do jogo: O aluno que for apanhado deverá dar a mão para o pegador, e, assim de mãos dadas partirão a conquista de outro jogador e assim sucessivamente.

Regra do jogo: O aluno que for tocado pela corrente, passará a fazer parte da mesma.

Final do jogo: O jogo terminará quando se formar uma corrente de todos os jogadores ou após um tempo determinado pelo professor.

Observação da Professora: Nesta atividade combinei com as crianças que elas só ocupariam metade do campo, ou seja, delimitamos o espaço a ser utilizado.

A.C. isolou-se do grupo e por diversas vezes passou para a outra metade do campo onde não era mais o espaço do jogo.

O aluno não foi apanhado pelo pegador.

Comportamento da Professora perante a atitude do aluno:
A Professora não interferiu, só observou.

Dia 23.06 - Terça-feira

A atividade desenvolvida nesta aula foi Pique-Bandeira.

Atividade: Pique-Bandeira

Estrutura do jogo: A finalidade deste jogo é a de capturar a bandeira do grupo contrário. Será marcada uma zona onde se colocará a bandeira (a bandeira foi colocada na trave do campo de futebol). Frente ao lugar onde se acha a bandeira, se marcará uma zona neutra, dentro da qual o adversário não poderá entrar.

Desenvolvimento: Começado o jogo, os grupos avançarão para as zonas contrárias, a fim de capturar a bandeira.

Regra do jogo: O aluno que capturar a bandeira do grupo contrário marcará um ponto para a sua equipe.

Final do jogo: O grupo que capturar mais vezes a bandeira do outro, será o vencedor.

Observação da Professora: Quando o jogo começou o aluno brincava tranquilamente. A sua equipe começou a perder e ele passou a reclamar e gritar com os outros meninos da equipe.

Dei um tempo para as equipes reunirem com o objetivo de combinarem algumas regras. A.C. ficou apenas observando o grupo. Ele estava bem próximo do grupo. Tentava escutar o que o grupo combinava e ao mesmo tempo demonstrava indiferença (o aluno estava com os braços cruzados e rondava o grupo).

O jogo prosseguiu e a sua equipe continuava perdendo. O aluno durante o jogo manteve a atitude de defesa, ou seja, ficou na zona neutra, próximo a sua bandeira. Quando percebeu que não podia mais defendê-la, jogou-se no chão e quando levantou queria que o jogo parasse, pois segundo ele, um adversário o havia empurrado.

Numa segunda vez, o aluno jogou-se novamente no chão e quando levantou estava chorando e pedindo para que o jogo fosse interrompido, pois alegou mais uma vez que havia sido empurrado. Nessa ocasião também não conseguiu impedir o adversário de pegar a bandeira. Quando levantou-se estava muito sujo de terra, pois caiu bem próximo da área do goleiro onde não há grama e como chorava muito os outros alunos começaram a gritar:

- Ele é chorão.

- Ele é manhoso.

Eu disse ao aluno que ele poderia ir ao banheiro lavar-se. Quando retornou não quis continuar jogando e ficou sentado atrás de mim chorando.

Comportamento da Professora perante a atitude do aluno:
A professora não interferiu, só observou.

Dia 25.06 - Quinta-feira

A atividade desenvolvida nesta aula foi Queimada.

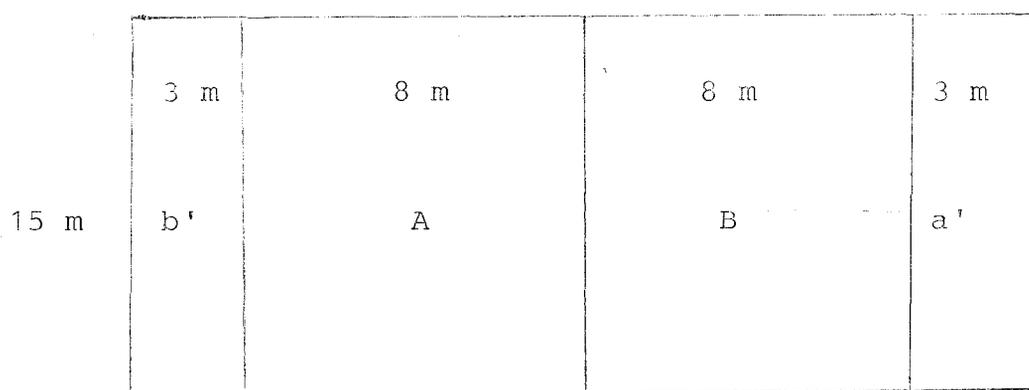
Atividade: Queimada

Estrutura do jogo: Será traçado um retângulo de 22x15m,

dividido em 4 partes, como no esquema abaixo, de sorte que as áreas a' e b' sejam de 3x15m e as áreas A e B de 8x15m, poderá, entretanto, o campo, ter maior ou menor dimensão.

Desenvolvimento: Os alunos serão divididos em dois times que ocuparão os quadrados A e B. Será feito um sorteio e a equipe que ganhar terá direito à bola e ao início do jogo. A equipe que estiver com a bola tentará arremessá-la e acertar os adversários que procurarão esquivar-se dentro da área limitada ou apanhá-la com as mãos durante o seu trajeto.

Regra do jogo: Se a bola tocar em qualquer parte do adversário e ele não puder segurá-la será considerado "morto" e será eliminado do jogo, indo se posicionar no "cemitério".



Observação da Professora: Nesta atividade o aluno participou com empenho e interesse. Durante o jogo as equipes reuniram-se para combinar regras por 2 vezes e o aluno participou, dando sugestões e também aceitando e discutindo as dos colegas.

Em nenhum momento o aluno demonstrou as atitudes inadequadas que toma no decorrer das aulas.

A equipe de A.C. venceu o jogo e no decorrer deste sempre esteve ganhando.

Comportamento da Professora perante a atitude do aluno: A professora não interferiu, só observou.

Algumas Considerações: Acredito que este comportamento, apresentado pelo aluno se deve ao fato de sua equipe ter ganho o jogo.

2. COMPORTAMENTOS LEVANTADOS A PARTIR DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Aula 16.06 - Dificuldade de escolha

identifica-se com crianças rejeitadas
gosta de chamar atenção jogando-se no chão
isola-se do grupo
não respeita o espaço e os limites

Aula 23.06 - Não gosta de perder

dificuldade de relacionamento
nega-se a participar das discussões
procura um espaço de proteção
gosta de chamar atenção jogando-se no chão
ou chorando
quando perde faz uma cena para acabar com o jogo

Aula 25.06 - Quando vence o jogo ele colabora e participa até o final

3. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Baseado nos dados fornecidos pela fase anterior, levantamos alguns temas que julgamos serem importantes para um melhor entendimento do caso.

Passo agora a anunciá-los e comentá-los teoricamente.

Hospitalismo

Devido as sucessivas internações e cirurgias encontra-se na literatura que é comum o surgimento de doenças de carência afetiva. Estas ocorrem em função do afastamento circunstancial dos pais pela internação (ausência física inclusive), assim a criança sofre privações afetivas, pois está fora de sua casa, a qual é o seu ambiente. (6)

Segundo Dolto (7), *"Após o nascimento, as sensações da criança reduzem-se a ela mesma. E suas emoções, se não há comunicação com um outro ser próximo dela, permanecem, então, em estado de sensações. Só pode viver da lembrança alucinatoria da época anterior quando havia emoções e sensações mediatizadas por palavras que a cercavam: ela não tem nenhuma apreensão sobre o*

(6). Joseph LEIF e Jean DELAY, *Psicologia e Educação*, p.383.

(7). Françoise DOLTO, *A Dificuldade de Viver*, p.135.

código de comunicação com os seres humanos do mundo exterior. Para que este código se instale num ser do mundo exterior, de-sejando a comunicação com esta criança, venha a ela e dê sentido às mímicas que revelam seu desejo de se comunicar intersiquicamente, traduzindo suas emoções em palavras."

As diversas interações, o afastamento dos pais, a própria deficiência física como barreira de comunicação e aceitação e levando em conta os autores citados acima podemos inferir que desde cedo os traumas passados por esta criança já nos apontam o quanto é difícil para ela romper com suas referências e superar seus medos de perda e rejeição.

Alimentação

"A alimentação tem um papel importante no desenvolvimento. Não somente condiciona o crescimento físico - principalmente o do cérebro - mas constitui também, nos primeiros meses de vida, um dos meios essenciais de relacionamento entre mãe e filho." (8)

O uso da língua, dos lábios e da boca desempenha papel muito importante para a criança que além de obter o alimento explora o mundo em que vive.

Dependendo do tipo de malformação que apresentava pro

(8). *Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, O Desenvolvimento da Criança do Nascimento aos Seis Anos, p.17.*

vavelmente A.C. não conseguia fazer a sucção sendo que a alimentação era completada por mamadeiras ou exclusivamente feita por elas.

O contato mãe-filho já estava alterado nas primeiras fases da vida.

A Deficiência

"A criança doente pode permanecer assim; as enfermidades anatômicas, fisiológicas, foram, e são sempre, a preocupação maior tanto da família quanto das equipes de cuidado. Retardos estaturais, ponderais, malformações, esboço de desregulação metabólica, obesidade, magreza irreversível, diabete, aspectos de patologias menos habituais. A criança, o adolescente, pode ficar marcado por isso. A genética, aquilo que é herdado apesar de si, não intercambiável, pode se inscrever como uma fatalidade." (9)

Baseado na ficha de apresentação de caso podemos inferir que provavelmente os pais ainda não se libertaram do fantasma da doença, apesar do sucesso das cirurgias e do menino não apresentar defeito no palato, no fundo estes culpam-se pelo defeito do filho, pois este era o primeiro e quando nasceu já apresentava a deficiência.

Por outro lado, o filho ainda carrega as marcas da defi

(9). Paul SIVADON, *Corpo e Terapêutica: Uma Psicopatologia do Corpo*, p.27.

ciência e das cirurgias, o que fica claro através de seus comportamentos.

O Nascimento de um Irmão ou Irmã

Quando ocorre o nascimento de um irmão ou irmã a criança necessita sentir-se amada. Ela vai lutar para conseguir os pais em tempo integral, utilizando-se assim dos mesmos comportamentos do recém-nascido. Assim pode chorar a qualquer instante sem motivo nenhum, pode imitar a voz do bebê, pode apresentar e nurésia e recusar o recém-nascido.

Neste momento é muito importante que a criança sintase amada e aceita pelos pais, pois com o nascimento do irmão ou irmã ela se vê substituída e pode sentir esta substituição como um abandono.

O aluno provavelmente sentiu ciúmes do irmão que nasceu quando A.C. realizou a primeira cirurgia. Neste momento o aluno deve ter enfrentado um sentimento de abandono, o que o levou a chamar a atenção dos pais apresentando comportamentos do recém-nascido (chora sempre que quer alguma coisa e é prontamente atendido).

Super-proteção

Quando os pais exageram no seu papel de protetor e não

permitem que a criança enfrente novas situações ocorre a proteção excessiva. Alguns pais para proteger a criança dos perigos do dia-a-dia, chegam ao ponto de se fazer presente, onde quer que a criança esteja. Há também o pai que vigia constantemente a criança, este se trata de um pai ansioso, que, parecendo dedicar-se em excesso, procura compensar a desagradável sensação de não ter concedido cuidados suficientes. O excesso de proteção, em alguns aspectos da vida da criança, pode estar ligado à rejeição em outros aspectos. O pai que não quer nem é capaz de atender às necessidades psicológicas (ouvir o filho quando este está com medo) da criança, pode exagerar seus cuidados em relação às suas necessidades físicas (um simples resfriado ou dores no ventre).

A tendência do pai a rejeitar ou proteger excessivamente pode ser influenciada por muitas circunstâncias. Uma atitude superprotetora pode ser consequência de uma decepção ou frustração anterior ao nascimento da criança (devida, por exemplo, a um mau sucesso ou à morte de outro filho); ou de condições que ameaçavam a vida da criança, uma doença grave, por exemplo.

Baseado na ficha de informação os pais apresentam proteção excessiva em relação a A.C.. Procuram proteger o menino de qualquer situação nova e não deixam que ele enfrente e resolva seus problemas sozinho, pois se fazem sempre presente.

Esta super-proteção provavelmente é um meio dos pais com pensarem os problemas enfrentados pelo filho desde o nascimento

(deficiência congênita e as cirurgias).

Ausência dos Pais

Quando os pais trabalham fora é imprescindível que a pessoa que fique com o seu filho seja carinhosa e dedicada e que a criança tenha um relacionamento estável e feliz com esta, pois segundo alguns especialistas a criança que fica separada da mãe no período que esta trabalha pode apresentar problemas emocionais caso a pessoa que cuide dela não apresente disponibilidade de dar a ela toda atenção que necessita (função da mãe).

Com relação a este aspecto não é possível realizar comentários, pois na ficha - apresentação de caso não encontramos subsídios para isto.

Frustração

Os pais freqüentemente julgam que explosões emocionais incontroladas são más, no sentido de que são reações de bebê e não de crianças com mais idade. Acessos de raiva são particularmente desagradáveis para os pais e eles freqüentemente preferem deixar as coisas como estão a enfrentar o risco de um confronto que poderia levar a mais cenas por parte do filho.

A dificuldade de dar limites e em conseqüência frustrar é função dos pais. São eles que têm dificuldade de frustrar e

não a criança de aceitar a frustração.

No início da vida a criança não tem contornos da realidade, é papel dos pais dar essa referência, porém como já dissemos acima é uma função difícil, porque dar limites significa também afastar-se de uma simbiose tão agradável entre pais e filhos.

Este aspecto não foi comentado, pois não encontramos na ficha - apresentação de caso elementos para realizar as considerações.

Os Problemas de Comportamento

"Todas as crianças mostram algum distúrbio de comportamento em algum momento de suas vidas. Elas podem ficar incontinentes por algum tempo, na época em que nasce um irmão, ou temporariamente deprimidas ou esquivas depois da morte de um dos avós, elas podem mostrar birra, ter pesadelos ou roer as unhas. Todos esses sintomas podem indicar alguns problemas. Geralmente elas mostram o que os psicólogos clínicos denominam perturbação situacional transitória. Os pais lidam com essas perturbações da melhor maneira que podem, com atenção e afeto, e os comportamentos desaparecem." (10)

Herbert Quay⁽¹¹⁾ argumenta que há três grupos básicos de

(10). Helen BEE, *A Criança em Desenvolvimento*, p.336.

(11). Herbert QUAY apud, Helen BEE, *A Criança em Desenvolvimento*, p.336.

problemas de comportamento. Cada um dos três padrões envolve uma "alienação interpessoal" em relação aos companheiros: ataque, no caso de desordens de conduta, esquiva no caso de ansiedade—esquiva e falta de engajamento no caso de imaturidade.

Na ansiedade-esquiva os sintomas são: as crianças esquivam-se do contato com as outras crianças ou com adultos, são medrosas, ansiosas, tensas, tímidas e freqüentemente depressivas. Muitas vezes os sentimentos de desvalorização (auto-estima baixa) fazem parte do padrão.

As crianças tímidas, esquivas e ansiosas geralmente tem pais que também são fechados e ansiosos. Esses pais não usam grande quantidade de punição física, mas são restritivos, controladores e não muito amorosos, por outro lado encontramos crianças classificadas como ansiosas e esquivas, mas o seu relacionamento familiar é de super-proteção ao invés de restrição.

Baseado na literatura observamos que o aluno estudado encontra-se identificado com algumas características do quadro de sintomas ansiedade-esquiva, pois é uma criança que apresenta medo, ansiedade, é tímida e esquiva-se dos contatos com as outras crianças (só tem amizade com dois meninos na escola). Pode-se perceber no aluno a auto-estima baixa.

Esses comportamentos podem ser fruto de um ambiente familiar super-protetor, e este (segundo as informações da apresentação do caso) é o ambiente no qual A.C. vive.

O Choro

Nos primeiros meses de vida o choro é uma das formas de comunicação e reação emocional que a criança manifesta com maior frequência, pois o choro atrai a mãe, a qual procura apresentar à criança uma resposta a situações que alterem seu bem-estar físico.

De acordo com o seu desenvolvimento, a criança vai modificando suas reações emocionais até que ao ingressar na escola, passa a controlar ou mesmo disfarçar as suas reações de desgosto, cólera, etc..., seu choro é silencioso, sua cólera é expressa em palavras.

Na idade escolar o choro é aceitável, desde que não seja excessivo. O indivíduo que chora em demasia é rotulado de "bebê chorão", em alguns casos pode ser socialmente isolado pelos companheiros.

Em casa o aluno utiliza-se do choro sempre que necessita ser atendido prontamente. Na escola chora sempre em que defronta-se com uma situação que lhe apresente frustração ou ansiedade.

As crianças do grupo já rotularam A.C. de manhoso, pois este chora em demasia e socialmente foi isolado pelos companheiros.

O aluno ainda não consegue controlar ou disfarçar suas reações.

Autoconceito

"Autoconceito é a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo, segundo atitudes que ele formou através de suas experiências. Todas as atitudes são importantes na determinação do comportamento, mas as que a pessoa formou com relação a si mesma são as mais poderosas.

O autoconceito tem extraordinárias conseqüências para o desenvolvimento da pessoa. Na realidade, esse conceito é causa central do que uma pessoa faz ou deixa de fazer." (12)

Toda a pessoa procura preservar o autoconceito que forma, assim defende-se das coisas que são contrárias a ele e que ameaçam mudá-lo.

O aspecto afetivo do autoconceito, é descrito como auto-estima que vem a ser o valor que a criança dá às qualidades que percebe possuir.

Uma criança com "auto-estima alta" emprega um valor positivo as características que pensa possuir, já uma criança com "auto-estima baixa" dá um valor neutro ou negativo às suas características.

O aluno estudado apresenta uma auto-estima baixa com relação as suas características, mas procura de acordo com as suas possibilidades adquirir qualidades melhores e fazer melhor do que os outros esperam.

Dessa forma toda vez que perde em um jogo ou atividade,

(12). Célia Silva Guimarães BARROS, *Pontos de Psicologia do Desenvolvimento*, p.151-152.

ou seja, não consegue fazer melhor do que os outros, sai da atividade chorando ou apresenta comportamentos inadequados (joga-se no chão, chora em demasia, faz cena), pois como não consegue provar que é melhor torna-se ansioso e frustrado.

Por outro lado quando está ganhando o jogo, colabora e participa até o final, pois consegue provar que é melhor.

Frustração e Agressão

"O sinal "básico" para a agressão, em muitos dos casos, parece ser a frustração. A agressão é sempre precedida pela frustração e a frustração é seguida pela agressão." (13)

Essa posição pode parecer errada, mas parece ser o caso da criança que nasce com uma ligação forte e natural entre frustração e agressão.

Geralmente a quantidade de agressão aumenta durante os anos pré-escolares e em torno de 4 anos chega ao auge e isso em virtude das crianças passarem mais tempo em contato com as outras.

A forma de agressão muda, de acordo com a idade da criança. Nos primeiros anos o ataque físico é a forma mais comum de agressão. Já as crianças maiores mostram cada vez menos agressão física e usam cada vez mais as palavras para ferir o outro. Essa forma de agressão se deve ao fato de que as crian-

(13). Helen BEE, *A Criança em Desenvolvimento*, p.291.

ças maiores adquirem um domínio cada vez maior da linguagem, de forma que podem criar insultos elaborados ao invés de utilizar agressão física.

As Amizades

As amizades individuais se formam com maior intensidade e aumentam em número durante os anos escolares. As crianças no decorrer da escolaridade apresentam uma forte tendência em ampliar o seu relacionamento, o qual nessa fase restringe-se as crianças do mesmo sexo.

"A falta de amigos, no entanto parece ser significativa. As crianças em idade escolar com poucos ou nenhum amigo têm um risco aumentado de distúrbio emocional." (14)

Com relação ao aluno pode-se observar que ele só tem dois amigos, os quais são rejeitados pela classe. A.C. provavelmente também sintam-se rejeitados, pois é considerado manhoso pelo grupo e foi isolado devido a esse fato. Assim consegue relacionar-se apenas com as crianças que sentem-se como ele.

Apresenta dificuldade na hora de escolher uma criança para brincar que não seja os seus dois amigos, pois além de ser uma criança tímida, apresentar auto-estima baixa, não consegue relacionar-se com as outras crianças por sentir-se diferente de elas e por não sentir-se aceito e amado pelo grupo. Assim talvez

(14). Helen BEE, *A Criança em Desenvolvimento*, p.287.

a melhor forma seja isolar-se do grupo.

- C A P Í T U L O I V -

A ANÁLISE SISTEMÁTICA E A ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO

Nesta fase do trabalho, passo a analisar as aulas e os comportamentos do aluno a partir das considerações teóricas.

Dia 04.08 - Terça-feira

A atividade desenvolvida nesta aula foi Pique-Bandeira.

Atividade: Pique-Bandeira*

Observação da Professora: O jogo começou e o aluno brincava tranquilamente. O aluno ficou próximo a sua bandeira mantendo a atitude de defesa. O seu grupo marcou 2 pontos e o aluno vibrou a cada ponto. Após o 2º ponto quando o jogo reiniciou o aluno correu em direção a bandeira contrária, saiu da posição de defesa e foi para o ataque. Entrou na zona neutra, mas não pegou a bandeira, pois esta já se encontrava de posse de outro menino da sua equipe. O menino marcou o 3º ponto em favor do grupo de A.C.. Neste momento A.C. voltou para defender a sua

* A atividade Pique-Bandeira já foi descrita na página 18-19.

bandeira e o seu grupo marcou o 4º ponto.

No decorrer do jogo os grupos reuniram-se 2 vezes para combinar regras e A.C. participou nos 2 momentos.

Comportamento da Professora perante a atitude do aluno: Não interferiu durante a realização da atividade, pois no decorrer desta não ocorreu nenhum problema, e os alunos, assim como A.C., participaram tranquilamente.

Comportamento do aluno: O aluno colaborou e participou até o final da atividade. A equipe da qual fazia parte venceu o jogo.

Considerações: Toda vez que o aluno ganha em uma atividade participa e colabora com interesse.

Acredito que isto se deve ao fato de que vencendo o jogo o aluno reconhece que possui algo de bom. Nesse caso provavelmente ele muda o seu autoconceito, passando a perceber qualidades positivas, ou seja, a sua auto-estima que é baixa se transforma em alta.

É também neste momento que o aluno pode provar para si que pode ter êxito em alguma coisa.

É possível também observar que ao ganhar o jogo os comportamentos inadequados como: chorar, sair da brincadeira, cair no chão, etc..., não aparecem.

Acredito que o aluno necessita de referências positivas, pois através dessas pode sentir-se seguro para realizar a ação.

Por outro lado, quando o aluno perde em uma atividade ou no jogo a sua auto-estima diminui, pois o aluno não consegue reconhecer que possui algo de bom, nem consegue provar para si mesmo que é melhor.

Observamos que A.C. oscila entre ter êxito e fracassar, gerando assim comportamentos diferentes dependendo do seu sucesso ou não.

Destacamos nesta atividade o fato de sua equipe estar ganhando o jogo (dado positivo de auto-estima para ele), este fato levou A.C. a sair de sua atitude passiva para uma atitude ativa. Lembramos que no 2º ponto ele partiu para o ataque. Considero um dado bastante relevante para este aluno. Vejo um sinal de saída de seu "mundo defensivo passivo" para um mundo de mais desafios, "ativo"; é a primeira vez que isso ocorre ao longo destes anos. Tal atitude foi única, logo ele retorna para a defesa, mas não como antes (sem participar do jogo) agora ele defende ativamente.

Ganhar o jogo para A.C., ao meu ver não é apenas fazer mais pontos que o time adversário, representa superar situações de fracasso. Sua vida foi marcada por uma série de situações desprazerosas (a deficiência congênita, as cirurgias, as internações, a ausência dos pais).

O jogo é importante neste momento porque ele é um dado bem concreto ou se perde ou se ganha, ali, no momento concreto. Para que uma equipe ganhe é preciso que todos colaborem. O jogo

é uma atividade social.

Para A.C. que vive muitas experiências de fracasso, o jogo pode representar um momento bem real onde ele pode se ver, ver os outros e se deparar com limites, estratégias, regras que de uma forma direta ou indireta o trará para a situação concreta de vida e o resgatará do seu mundo pessoal, egocêntrico para um mundo social, compartilhado.

Dia 06.08 - Quinta-feira

As atividades desenvolvidas nesta aula foram Nunca 3 e Pega--Corrente.

Atividade: Nunca 3*

Observação da Professora: Quando pedi aos alunos que formassem duplas, A.C. logo chamou o seu amigo (o menino obeso). A escolha foi fácil porque o seu outro amigo, ou seja, o menino que brigou com o líder da classe havia faltado.

O jogo iniciou e o aluno estava participando.

Havíamos combinado que só usaríamos metade do campo e quem passasse para a outra metade do campo que não estava sendo utilizada, sairia por 3 minutos da atividade e ficaria sentado.

Percebi que logo após o início do jogo, o menino que formava dupla com A.C., estava no canto do campo de futebol amarrando o tênis. Assim A.C. estava ao seu lado esperando que ele terminasse para voltar à atividade. O aluno que estava amarrando o tênis demorou muito para amarrar. Nesta ocasião intervi e

* A atividade Nunca 3 já foi descrita na página 15-17.

disse:

-- Você não deve demorar muito para amarrar o tênis. Voltem rápido para a atividade.

Os meninos voltaram. Novamente o menino obeso quis pa-
rar para verificar o tênis. Só que dessa vez demorou menos para
retornar à atividade.

A dupla não foi apanhada pelo pegador.

Atividade: Pega-Corrente*

Observação da Professora: Nesta atividade combinamos que
só usaríamos metade do campo, ou seja, delimitamos o espaço a
ser utilizado.

O aluno participou da atividade com interesse.

A.C. não foi apanhado pelo pegador.

Dia 11.08 - Terça-feira

Atividade desenvolvida nesta aula foi Queimada.

Atividade: Queimada*

Observação da Professora: Nesta atividade o aluno parti-
cipou com empenho e interesse. Durante o jogo as equipes reuni-
ram-se uma vez para combinar regras e o aluno participou dando
sugestões.

A equipe do aluno estava vencendo o jogo. Faltando al-
guns minutos para terminar o jogo um aluno da equipe contrária
a de A.C. caiu no chão. Neste momento um aluno da equipe de A.C.

* A atividade Pega-Corrente já foi descrita na página 17 e Queimada, p.19-21.

arremessou a bola, a qual acertou o menino que estava caído. Eu disse que este não havia sido "queimado", pois apesar da bola lançada ter acertado-o, ele estava se queixando de dor no joelho, o qual estava ralado (arranhado) pela queda no cimento e sangrava um pouco. Expliquei que ele precisava sair do jogo para lavar o joelho, mas como o menino que arremessou a bola foi muito rápido não houve tempo.

Quando acabei de explicar A.C. veio correndo perguntar-me porque havia tomado tal atitude, se numa situação semelhante com ele eu havia dito que ele estava "queimado". Novamente expliquei que o menino estava machucado e A.C. quando caiu (planejou a queda, ou seja, caiu porque quis) demorou-se muito para levantar (fez cera) e não estava machucado.

Ele começou a reclamar com uma voz bem manhosa como se fosse chorar, mas ao mesmo tempo sua fala era rude.

Disse neste momento para mim:

- "Você está roubando!"

Disse ao aluno que as situações eram diferentes e que não havia motivo para ele estar chorando.

A equipe de A.C. venceu o jogo.

Considerações: Esta foi a primeira vez que A.C. reagiu de forma verbal, mostrando seus sentimentos. Nesta ocasião não assumiu a atitude passiva de sempre, ou seja, em outros momentos chorava e nada respondia ou utilizava respostas desconectas da realidade. Este comportamento apresentado pelo aluno é um da

do significativo a medida que ele expõe seus sentimentos em relação ao professor (adulto).

Como figura de professor, sei que sou a figura do adulto e de poder (perante a qual A.C. já consegue expressar seus sentimentos). Assim provavelmente na relação com os pais (figura de poder) A.C. também está mudando.

Apesar de ter usado o choro junto com a palavra ele afirmou o seu "poder", sua vontade e sua opinião.

Dia 13.08 - Quinta-feira

Atividade: Nunca 3*

Observação da Professora: Combinamos que só usaríamos metade do campo para desenvolver a atividade. Caso algum aluno passasse para a outra metade que não estava sendo utilizada, este ficaria sentado por 3 minutos observando a atividade.

Criamos 2 regras para desenvolver a atividade.

1. Toda vez que a professora apitar os alunos deverão formar novas duplas;

2. Se um dos meninos soltar a mão do seu companheiro quando estiver sendo perseguido pelo pegador, o que soltou a mão passará a ser o pegador.

Começamos a atividade com as crianças formando as duplas. A.C. formou dupla com o amigo obeso e o seu outro amigo (o que brigou com o líder da classe) como não conseguiu formar

* A atividade Nunca 3 já foi descrita na página 15-17.

dupla passou a ser o pegador.

A primeira dupla que o pegador pegou foi a de A.C.. O menino obeso passou a ser o pegador. Neste momento percebi que o jogo ficaria entre eles, caso não apitasse. Apitei e na hora da mudança. A.C. foi o último a formar, pois não conseguia encontrar um colega para formar dupla dentre os demais.

Na segunda vez que apitei A.C. voltou a formar dupla com o obeso e na terceira vez formou dupla com o menino que brigou com o líder da classe. Parei a atividade e disse para os meninos que deveriam diversificar a dupla.

Quando apitei novamente o aluno foi o último a formar a dupla.

Fui solicitada por um aluno que estava com dor na região do abdomen. Fiz uma pequena massagem no menino, ele disse que estava melhor e começou a rir (esse menino ri por qualquer motivo). Os meninos estavam ao meu redor e o líder da classe fez o seguinte comentário:

- "Tia, o J.A. vive rindo e o A.C. vive chorando."

A.C. respondeu imediatamente:

- "Eu não choro sempre. Você é que é muito burro e vive falando besteiras."

Perguntei aos meninos porque estavam discutindo.

O líder respondeu:

- "Tia, mas é verdade A.C. só chora."

E A.C. balançando os ombros, como se não estivesse li-

gando respondeu:

- "A partir de hoje não choro mais."

Considerações: A partir das observações realizadas no dia 06.08 achei que seria fundamental colocar algumas regras na atividade do dia 13.08 que pudessem levar o aluno a perceber os limites e a procurar outras crianças que não fossem os dois amigos rejeitados.

Assim durante a atividade A.C. teria que encontrar outras crianças para formar dupla, procurando desta forma identificar-se e relacionar-se com outro menino ou apenas procurar um para realizar a atividade com este. Pude perceber que o aluno não consegue identificar-se com outras crianças da classe, mesmo na atividade onde o mais importante é participar (ou seja, realizar a atividade). Ele coloca um bloqueio de maneira que prefere não realizar a atividade a ter que procurar outro amigo. Isso ficou claro porque A.C. foi o último aluno a formar dupla e só formou porque as crianças queriam reiniciar o jogo e pediram que ele fosse mais rápido, ou seja, formasse dupla com o único menino que ainda estava sozinho, pois os demais alunos já haviam formado duplas.

Com relação ao limite de espaço acredito que A.C. não tenha ultrapassado a marca combinada porque provavelmente não gostaria que os amigos o vissem sentado e fora da brincadeira.

Um dado importante a ser ressaltado na aula do dia 13.08 é o fato do aluno ter prometido não chorar mais.

Com relação ao líder da classe chamou este de burro revelando desta forma suas emoções e sentimentos. Isso é muito importante na vida deste aluno a medida que ele não conseguia expressar seus sentimentos. Acredito que de agora em diante além de revelar seus sentimentos, também conseguirá ordená-los e explicá-los dentro do contexto que ele surge; não fugindo mais para explicações evasivas.

Dia 15.09 - Terça-feira

Nesta aula fomos ao Salão de Jogos, as meninas e os meninos.

No Salão de Jogos as crianças puderam participar dos seguintes jogos:

- Pebolim;
- Tamancobol (jogo existente nas escolas salesianas);
- Tênis de Mesa;
- Dominó;
- Peteca;
- Jogo da Memória;
- Bolinha de Gude;
- Pião;
- Pega Varetas.

Na aula um grupo de sete meninas reuniu-se para montar figuras com as peças do Dominó. As crianças colocam as peças bem próximas e na vertical, após montada a figura empurraram a pri-

meira peça, a qual encostando na segunda acaba por derrubá-la e assim sucessivamente até a última peça.

A.C. participou desta atividade com as sete meninas e em nenhum momento deixou a atividade para participar de outra com os meninos.

O aluno demonstrou muito interesse pela atividade e estava muito feliz por estar participando com as meninas e por sentir-se aceito pelo grupo.

Comportamento da Professora: A professora incentivou o aluno no sentido de que esse construísse figuras e continuasse a brincar com as meninas.

Comportamento do aluno: Identificou-se com o grupo de meninas e participou com interesse da atividade desenvolvida por estas.

Considerações: Provavelmente o aluno durante o desenvolvimento desta atividade sentiu-se aceito pelo grupo de meninas.

Acredito que o aluno tenha identificado-se com o grupo de meninas porque não foi rejeitado por este, mas sim aceito.

Essa aceitação deve ter preenchido as necessidades dele, o que fez com que ele não tenha sentido a necessidade de mostrar a si mesmo que é melhor.

Como o aluno sentiu-se aceito pelo grupo e o grupo aceitou este aluno criou-se um ambiente acolhedor e facilitador. Assim ele apresentou-se motivado para realizar a atividade e para

criar figuras mais complexas. Isso provavelmente também ocorreu em função da melhora da sua auto-estima, pois apresentando uma valorização pessoal o aluno é levado a realizar um esforço maior e conseguir mais sucesso.

Como professora apenas observei os comportamentos do aluno e cada vez que fui solicitada, apreciei as figuras fazendo comentários positivos que deixavam claro que estava contente e satisfeita pelas construções.

Acredito que como professora e percebendo as necessidades acima já citadas, fiz o mesmo papel do grupo.

Dia 17.09 - Quinta-feira

A atividade desenvolvida nesta aula foi Raquetebol.

Atividade: Raquetebol

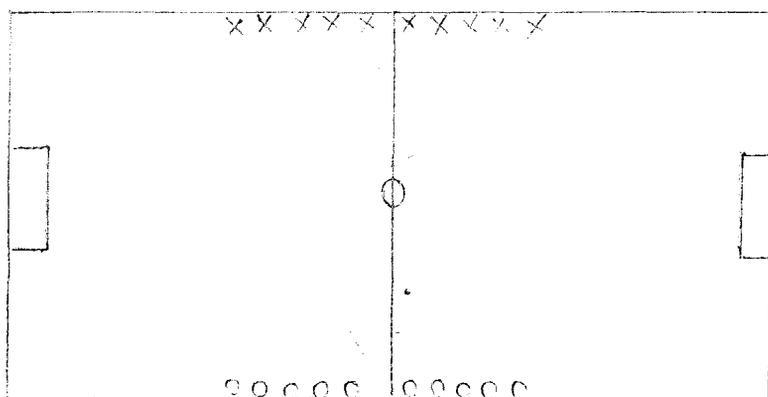
Estrutura do jogo: Dividir os alunos em 2 grupos, estes sentados em cada linha lateral da quadra, de frente para o outro. Enumerar os alunos com números iguais dos dois lados.

Desenvolvimento: A professora chama um número, estes levantam e pegam a raquete do chão. O objetivo é marcar gol.

Regra do jogo: Não pode dar raquetadas na bola e sair correndo atrás;

Se demorar para fazer o gol, declarar empate e chamar outro número.

Final do jogo: O grupo que marcar mais gols será o vencedor.



Observação da Professora: O jogo estava empatado, quando o número do aluno foi chamado. Ele levantou-se, pegou a raquete e começou a jogar. O adversário foi mais rápido e marcou gol. A.C. deixou a raquete no meio-de-campo e voltou para o seu lugar. Ficou sentado com a cabeça baixa e não observou mais o jogo.

A equipe contrária ganhou a partida e reiniciamos uma outra.

Quando o número do aluno (A.C.) foi chamado novamente, ele levantou-se, pegou a raquete e começou a jogar. O adversário novamente marcou gol. A.C. voltou para o seu lugar após ter deixado a raquete no meio-de-campo e retornou a posição anterior, ou seja, ficou sentado com a cabeça baixa (seus olhos estavam vermelhos) e não observou mais o jogo.

Novamente a equipe adversária ganhou o jogo.

Comportamento da Professora perante a atitude ao aluno:
A professora apenas observou, não interferiu.

Considerações: Embora nesta atividade o aluno tenha per
dido parece que apesar de ficar triste com a sua derrota e isso
fica claro através da atitude corporal que ele assume já conse-
gue voltar à atividade e jogar normalmente demonstrando empenho
e não assumindo comportamentos inadequados.

O aluno não chora mais em caso de derrota, pois como pro
meteu não mais o faria, assume agora uma atitude corporal que
não incomoda os amigos.

Provavelmente agora o aluno já consegue lidar melhor com
a frustração.

- C O N C L U S Ã O -

A principal atividade durante a infância é o brincar, atividade esta que se estende durante toda a vida.

Brincar significa desenvolver atividades de caráter lúdico. O brincar engloba jogos e brincadeiras e está presente em todas as culturas e diferentes povos.

O brincar desempenha função essencial no crescimento da criança, pois é através dele que a criança pode:

- Conhecer a si própria e aos outros;
- Conhecer os objetos;
- Desenvolver a linguagem e a narrativa;
- Aprender normas sociais de comportamento;
- Aprender a sua cultura;
- Trabalhar com o imaginário.

Como podemos perceber o brincar não só oferece conquistas a nível cognitivo, pois envolve emoções, afetividade, estabelecimento de laços e rupturas e a compreensão da dinâmica interna que perfaça a ligação entre as pessoas.

Assim no jogo ocorre troca ou partilha, pois nele a criança vai conhecer, aprender e constituir como um ser que pertence ao grupo, formando a identidade social do indivíduo.

Dessa forma fica evidente que os aspectos sociais e afetivos são aflorados no jogo.

As relações da criança são definidas de acordo com o papel que acontece no jogo. Conhecer e desenvolver esses papéis como forma de comportamento no meio leva a criança a explorar ações e sentimentos das outras pessoas, o que pode ajudá-la a desenvolver relações positivas.

É também no jogo que a criança pode chegar ao conflito, porque através do conflito no jogo é que a criança aprende a lidar com este.

Os motivos que levam uma criança a participar do jogo são muitos, mas poderíamos destacar o nível de gratificação que o indivíduo experimenta. Esta gratificação pode estar baseada em todas as experiências do passado e nas necessidades do momento.

O que acontecia com A.C. é que no jogo não conseguia desenvolver os aspectos citados acredito que em virtude dos acontecimentos anteriores de sua vida.

Provavelmente o aluno não conseguia sentir gratificação nos jogos, pois no passado sempre enfrentou derrotas, isto ficou marcado em sua vida e ele acabou trazendo para o jogo.

Acredito que agora nas últimas aulas o aluno já conseguiu ver o jogo de uma maneira diferente e até admitir a derro-

ta.

Fica claro que o jogo é fundamental na vida da criança, pois é através deste que a criança relaciona os acontecimentos de sua vida e passa a vivê-los e manifestá-los.

A cada aula A.C. experimentou uma vivência nova e frente a regras, limites, reações e emoções pode manifestar seus sentimentos, tomar decisões, frustrar-se e até enfrentar seus sentimentos de frente.

Minha postura como professora, foi de não interferir diretamente, confrontando-me com ele a cada momento difícil, que ele vivenciava.

A partir da sua problemática levantada e seus comportamentos na hora do jogo, pude criar situações onde ele teve que se confrontar com suas limitações e superá-las sem que eu ocupasse e repetisse a conduta protetora ou castradora de seus pais.

- B I B L I O G R A F I A -

1. BARROS, Célia Silva Guimarães. Pontos de Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo, Ed. Atica, 1987.
2. BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. São Paulo, Ed. Harbra, 1986.
3. DOLTO, Françoise. A dificuldade de viver. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1988.
4. FREIRE, J.B. A escola desobediente. Rev. da Fundação de Esporte e Turismo. V. 1, nº 3, p.11-18, Paraná, 1989.
5. JONES, Nicholas Blurton. Estudos Etológicos do Comportamento da criança. São Paulo, Ed. Pioneira, 1981.
6. LEIF, Joseph e DELAY. Psicologia em Educação. Rio de Janeiro, Liv. Freitas Bastos, 1965.
7. LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo, Ed.

E.P.U., 1986.

8. MOREIRA, Wagner Wey. Educação e Desordem um Binômio a ser alcançado. Texto mimeografado.
9. NAUFAL, Maria Amélia Arantes Savasini. Educação Amando e Transformando. Campinas, Ed. Papyrus, 1991.
10. SIVADON, Paul. Corpo e Terapêutica: Uma Psicopatologia do Corpo. Campinas, Ed. Papyrus, 1988.
11. SPITZ, René Arpad. O primeiro ano de vida. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1979.
12. TEIXEIRA, Hudson Ventura e PINI, Mário Carvalho. Biblioteca de Educação Física. São Paulo. Ed. Ibrasa, 1981.
13. UNESCO. O desenvolvimento da Criança do Nascimento aos Seis Anos. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1979.